
**Questões de família: um estudo sobre as
relações em família no romance *As aves
não têm céu*, de Ricardo Fonseca Mota**

*Family issues: a study of family relationships in the novel
As aves não têm Céu, by Ricardo Fonseca Mota*

Martha Stella Melo da Silva

Universidade do Estado do Amapá

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2021.n45a425>

RESUMO

Este artigo dedica-se ao estudo das relações em família no romance *As aves não têm céu* (2020), de Ricardo Fonseca Mota, considerando o patriarcado como categoria de análise. De forma geral, objetiva-se analisar como o discurso do patriarcado se apresenta na organização familiar dos personagens do romance. Para isso, procurou-se identificar quais aspectos mudaram em relação ao modelo de família patriarcal e quais permanecem presentes sob uma nova roupagem. O estudo demonstrou que ainda estão presentes nas famílias dos personagens valores do patriarcado, materializados pelo discurso de inferioridade da mulher e incapacidade de conciliar trabalho e família. Outrossim, evidenciou-se também que o discurso do patriarcado ultrapassa os limites do ambiente familiar, atingindo todos os espaços da sociedade, impingindo sobre a mulher a responsabilidade por toda espécie de desajuste seja em ambiente familiar, seja no espaço do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: família; discurso do patriarcado; subalternidade feminina.

ABSTRACT

This article dedicates it to the study of family relationships in the novel *The birds have no sky* (2020), by Ricardo Fonseca Mota, considering patriarchy as a category of analysis. In general, the objective is to analyze how the discourse of patriarchy presents itself in the family organization of the characters in the novel. To this end, we sought to identify which aspects have changed in relation to the patriarchal family model and which remain present under a new guise. The study showed that patriarchy values are still present in the families of the characters, materialized by the discourse of inferiority of women and inability to reconcile work and family. Furthermore, it was also shown that the discourse of patriarchy goes beyond the limits of the family environment, reaching all areas of society, imposing on women the responsibility for all kinds of maladjustments, whether in the family environment or in the workplace.

KEYWORDS: family; discourse of patriarchy; female subordination.

Introdução

A família vem se transformando ao longo tempo, acompanhando as mudanças econômicas, políticas e culturais, contudo, o discurso do patriarcado e o da dominação da mulher ainda resiste ao tempo. Recorrente no ambiente familiar contemporâneo se manifesta de forma naturalizada a partir de dois fenômenos: exploração e violência. Exploração da mulher na divisão desigual das atividades domésticas e na responsabilidade pela formação moral e psicológica dos filhos; violência física e psicológica promovida pelo homem contra esposa e filhos em âmbito familiar.

Os desacertos nas relações em família na contemporaneidade são retratados no romance *As aves não têm céu*, de Ricardo Fonseca Mota. Assim, são explorados problemas de relacionamento abusivo entre pai e filho, marido e esposa, violência física e psicológica e as consequências desse convívio na vida e na saúde mental dos personagens.

Os relatos chegam ao leitor a partir da perspectiva masculina, pois são contadas pelos personagens (homens) e pelo narrador. Partindo dessa consideração, este estudo pretende analisar como o discurso do patriarcado se apresenta na organização familiar dos personagens do romance. Como questão norteadora busca-se identificar quais aspectos mudaram em relação ao modelo de família patriarcal e quais permanecem presentes sob uma nova roupagem.

Para alcançar o objetivo ora proposto, primeiramente, apresentaram-se algumas considerações sobre o romance; em seguida, analisa-se como o discurso de dominação masculina, entendido aqui como discurso do patriarcado, se manifesta na composição familiar, no papel do homem e da mulher e na configuração dos personagens Leto, Cid e Raul.

1 A diátese: algumas considerações sobre a obra

O romance *As aves não têm céu* (2020), de Ricardo Fonseca Mota narra a história de três homens que se cruzam em um determinado momento de suas vidas. Leto, Cid e Raul têm em comum a dor, o desespero, a solidão e a experiência de vivenciar uma transição de limites entre a realidade e a fantasia, a normalidade e a loucura, o certo e o errado; esse jogo de opostos é marcado na narrativa pelo contraste luz e sombra, dia e noite. Nessa obra, não há propriamente uma história, mas conflitos. Não há uma intriga com início, meio e fim. O ponto de partida é a tragédia familiar que assola o personagem Leto, contudo, não será a única e nem a menos dolorosa, revelada ao longo da narrativa cuja leitura revela o íntimo esfacelado de cada um desses personagens.

O romance divide-se em 63 capítulos distribuídos em três partes, que podem ser comparadas com o ciclo da vida – começo, meio e fim. A primeira e segunda partes narram a trajetória de dor e so-

frimento vivenciados pelos personagens da infância (o começo) à idade adulta (meio) e a terceira parte (fim), com apenas um capítulo, é o momento em que o leitor descobre que Leto, Cid e Raul são internos de um hospital psiquiátrico. Alegoricamente, entende-se que a terceira parte seria como o fim da vida e da história de cada um dos personagens, porém, o narrador deixa suspensa ao doce sabor da dúvida a veracidade de tudo o que contara, inclusive, sua identidade. Ao trazer à tona, com um certo tom de vingança, toda a complexidade de mentes que oscilam entre a realidade e a loucura, inclusive a sua própria, estabelece a dúvida, a incerteza e o sentimento de incompletude da obra que não se encerra na terceira parte. Dessa forma, sugere que, assim como o indivíduo foge da morte, do fim, buscando sempre o recomeço, assim é esse romance, aberto a novas leituras, cabendo ao leitor suposições sobre o destino daqueles indivíduos que sempre estarão em busca da salvação, do recomeço.

A obra, de cunho inovador, privilegia as personagens em relação ao enredo. A personagem é parte essencial na construção de uma narrativa. Ela dá vida aos acontecimentos narrados, tornando-os mais sólidos e consistentes. Segundo Candido (2007), a personagem representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, assim o leitor mantém intimidade com a obra e desenvolve interesse pelos fatos e pela trajetória desse ser fictício. Segundo o crítico, a personagem não é uma representação fiel da realidade, mas é fruto do trabalho de seleção do escritor que a insere na obra relacionando-a a outros elementos do romance, que, conjuntamente, produzem significado e coerência interna dentro da narrativa.

Com intuito de conferir verossimilhança às personagens, Ricardo Fonseca Mota explora o trabalho com a linguagem, retratando o fluxo de pensamento das personagens que entrecortam a voz do narrador com falas sobrepostas, trechos incompletos e sem pontuação que indiquem uma conclusão do raciocínio. Esses recursos estilísti-

cos demonstram a inconstância psicológica desses indivíduos, e as constantes vozes que atormentam o íntimo de cada um.

[...] o recolhimento de Úria, o seu olhar, quase,

- Pai! Pai!

calaram durante breves instantes o queixume do vento, ocultaram o rumor surdo da escuridão. Também havia nela qualquer coisa que o fazia recordar o balde grande à chuva no quintal dos pais quando era criança, sempre cheio.

- Pode ser preciso.

Leto sentiu que aquela mulher fazia parte dele

(- Não és capaz.)

mas dentro da sua cabeça um coro assinalava com clareza o risco de ficar para trás.

(-Vou-me embora.)

(- Pai! Pai!)

(- Mexe-te.)

Será que a menina

- Mãe! Mãe!

debaixo de água? (MOTA, 2020, p. 57)

O excerto demonstra, conforme expressa o narrador, que Leto tinha como companhia constante um coro de vozes que lembravam medos e traumas marcados no seu íntimo. As sobreposições de vozes, remetem, algumas vezes, aos pedidos de ajuda da filha após o acidente “-Mãe! Mãe!”, as palavras da esposa ao ser flagrada com o amante “(Vou-me embora)”, ao pai “(Mexete!)”; outras vezes, não é possível identificar quem está falando. A pontuação, ou a falta dela, também reforça a instabilidade e incompletude do fluxo de pensamento dos personagens. Esse efeito deve-se ao habilidoso trabalho do escritor com a linguagem e sua estrutura, construindo um romance com pleno equilíbrio entre forma e conteúdo. Na busca por

esse efeito estilístico, desmonta a estrutura da língua e termina por evidenciar uma desmistificação da ficção romanesca para representar a linha tênue entre a sanidade e a loucura.

Outro elemento que exerce uma função fundamental no desenvolvimento da diegese nesse romance, é o narrador. Em *As aves não têm céu*, o narrador é um criador de criaturas que assume para si a função de escritor, de forma ressentida e vingativa. A sua identidade não é revelada, o que lhe permite contar histórias que jamais seriam expostas, seja por questões éticas, porque sugere ser alguém que trabalha no hospital psiquiátrico onde os personagens estão internados; seja por credibilidade, porque deixa subentendido que também pode ser um paciente, assim como os outros personagens.

Devem perguntar-se quem sou e como sei o que aconteceu. É tão evidente que dizê-lo é, ao mesmo tempo, embaraçoso para mim e insultuoso para vocês. Esta é a minha voz

(- Isto não pode sair daqui)

e vivo sem acesso a terceiros actos.

Se a cadeira está vazia, porquê tantas sombras? Se há sombras, porque não há luz? Não me sinto bem. Achas que me consegues ajudar? Sim, agora é a minha vez. Queixo-me a quem?

O que faço aqui a falar para uma cadeira vazia? Será que ainda aqui estou? Ninguém que me veja. Para onde foram todos? (MOTA, 2020, p. 177)

De acordo com as palavras do narrador, ele também convive com vozes e essa condição lhe permite mostrar a história de dentro para fora e colocar o leitor dentro da cabeça de quem narra. Nota-se, portanto, que, em *As aves não têm céu*, há um narrador diferente dos narradores clássicos: trata-se de um narrador com carácter metafictional, que demonstra não ter controle total sobre a história, pois não tem “acesso ao terceiro acto”, emite juízos de valor, interrompe

a narrativa para conversar com o leitor, referindo-se à própria ficção enquanto obra ficcional.

2 Configuração do discurso patriarcal no romance *As aves não têm céu*

O advento do modelo de família burguesa, nomeada por Ariès (1986) de família moderna, está relacionado ao surgimento da sociedade capitalista e ligada à noção de propriedade privada. Da mesma forma ocorreu a privatização da família que passou a se organizar como um núcleo familiar constituído por um grupo de pessoas formado por pai, mãe e filhos que moram numa mesma casa e que tem interesse específicos de garantir a manutenção das riquezas. Essa nuclearização produziu o processo de dominação e acabou por estabelecer, nos termos de Ariès (1986), uma “monarquia doméstica” que, de acordo com o autor, levou a uma degradação da situação da mulher no lar e na conseqüente perda do poder de decisão perante a sociedade e a justiça, ficando à mercê da autoridade do marido. Esse poder paterno também se estende ao casamento dos filhos, e assim, mulher e filhos eram subjugados à autoridade do marido dentro da casa, reforçando a base do patriarcado. É dessa forma que “o sentimento da família está ligado à casa, ao governo da casa e à vida na casa” (ARIÈS, 1986, p.213) e que ainda perdura atualmente.

Segundo Saffioti (2004), patriarcado é o regime de dominação e subordinação do homem sobre a mulher, no qual o homem — pai, marido e provedor — exerce o papel de dominador e a mulher — esposa e mãe — de dominada. Nessa perspectiva, destaca a autora, o patriarcado não é uma categoria específica de determinado período, mas sim um fenômeno que está em constante transformação e que abrange não somente a família, mas também atravessa a sociedade como um todo.

Assim, a concepção de família ligada ao ambiente doméstico, bem como os papéis de cada indivíduo – a mulher na função de mãe e dona de casa, destinada a viver num espaço privado ou doméstico; o homem, de provedor e de chefe de família, livre para circular pelos espaços públicos e o mundo do trabalho – propaga discursos estereotipados que naturalizam a dominação do homem e transcendem o ambiente familiar, invadindo todos os espaços da sociedade.

A partir do século XX, a família tradicional vem sofrendo algumas mudanças, acompanhando as tendências de desenvolvimento no âmbito econômico, tecnológico, político e cultural e o poder exercido pelo patriarca vem diminuindo, contudo, não é extinguido, nem tampouco, superado. As transformações nas relações familiares após a entrada da mulher no mercado de trabalho modificaram os papéis familiares, os valores individuais e coletivos e as relações de poder, o que, segundo Leandro (2006), confere à mulher autonomia e emancipação, muito embora, prevaleça

a questão da partilha das tarefas domésticas. De qualquer modo, doravante ser profissional e mãe de uma ou duas crianças vai-se tornando uma norma. Tudo indica que o peso das responsabilidades familiares não é mais impeditivo do exercício de uma actividade profissional, por parte das mulheres (LEANDRO, 2006, p. 69).

Contudo, essa relação de hierarquia ainda se retém e se dissemina por meio de um discurso que naturaliza a dominação masculina e a inferioridade da mulher, considerado aqui como discurso do patriarcado que, segundo Colling (2014), caracteriza-se como um discurso negativo que apresenta a mulher como desprovida de espírito crítico, incapaz de dominar e controlar suas paixões e, além de frágil, inapta para tomar decisões, daí a causa da sua submissão e a necessidade de ser controlada por um homem.

No romance *As aves não têm céu*, a família dos personagens recebe grande atenção do narrador que, por meio da narração de eventos

passados, apresenta fatos que marcaram a vida de cada um deles, a partir do ponto de vista de um personagem que é homem, educado numa família cuja estrutura e organização remete a uma família que se funda em valores do patriarcado como a subjugação da mulher e dos filhos, perpetuação do discurso estereotipado da mulher infiel e negligente na educação dos filhos. E essa dinâmica familiar compõe de maneira contundente a configuração psicológica de cada personagem do romance. As relações em família podem ser entendidas na obra como a origem dos transtornos mentais que acometem os personagens Leto, Cid e Raul, em especial a violência doméstica (física, psicológica, sexual e moral) que marca cada um de forma específica.

2.1 Da mulher infiel à criança negligenciada: a família de Leto

Leto é um pai divorciado, marcado pela morte da filha num acidente de carro e das consequências dessa tragédia na sua vida e de sua família. A culpa o consome e o julgamento interior e exterior o condenam a viver nas sombras, “o seu maior medo era estar com pessoas. Não queria encontrar ninguém nem ouvir comentários.” (MOTA, 2020, p.24), por isso, vive numa inconstante insônia “Entregou-se à noite. Evadiu-se da realidade” (MOTA, 2020, p.26). Vagando pelas emergências de hospitais e pelas ruas da cidade em um táxi conduzido por Eduardo, “construiu uma espécie de solidão partilhada. Não espera nada das pessoas, senão presença, ruído e desprezo” (MOTA, 2020, p. 14), exceto Úria, a única pessoa capaz de salvá-lo desse tormento “fora dele o silêncio, em contraste com ensurdecedor movimento da loucura” (MOTA, 2020, p.16), mas não a encontra “Úria é uma ave que voa às escondidas” (MOTA, 2020, p. 47).

A família de Leto era constituída pela mãe, o pai e a prima, com quem se casaria mais tarde, e teria uma filha. A mãe de Leto é descrita como ausente porque trabalhava como doméstica na casa de

um advogado viúvo e lá passava bastante tempo. Com a ausência da mãe, Leto ficava a mercê dos abusos do pai:

Muito aflito como quando estava sozinho e o pai vinha com aquelas brincadeiras, e as cócegas, e aquela coisa do dedo. Teve sempre vontade de chamar a mãe, mas ela estava sempre em casa do senhor doutor também com os dedos nela a castigá-la. (...) A rua enorme. Milhares de janelas. Milhares e milhares de ausências (MOTA, 2020, p. 41).

O pai de Leto exercia o poder de chefe da família. Como se nota no excerto, o narrador sugere que Leto era abusado sexualmente pelo pai, assim como dá a entender que a mãe também era abusada pelo patrão. Tanto a mãe como Leto eram submetidos ao poder de mando exercido pelo homem - marido, pai, patrão - resquícios de um modelo tradicional de família patriarcal. Apesar da mãe trabalhar fora, exerce atividades domésticas e mantém-se sob o julgo do homem, apenas muda o espaço, a casa do patrão, a dominação masculina permanece.

Nessa passagem da obra é possível observar a configuração do discurso de dominação do homem sobre a mulher sob uma nova roupagem. A mulher tem a liberdade de trabalhar fora, de circular por outro ambiente que não o da casa, todavia, o lugar que lhe cabe é uma nova casa, o novo chefe, só que com as mesmas funções inerentes à condição de mulher: a rotina doméstica. Como se não fosse capaz de desenvolver outras atividades concernentes aos espaços públicos; à mulher cabe o ambiente privado, o confinamento em quatro paredes.

Aliado a isso, recai sobre a mulher o discurso negativo de mulher infiel e negligente na educação e proteção do filho, pois sua constante ausência facilita os abusos sexuais sofridos por Leto. O narrador sugere que Leto é filho do patrão da mãe, tendo em vista seu porte físico “demasiado alto” semelhante ao advogado, que na lembrança de Leto

“era muito alto”. A mesma suspeita é levantada quanto à paternidade da filha de Leto, o narrador declara, a partir do ponto de vista de Leto, que a ascensão profissional da esposa ocorreu num curto espaço de tempo “Logo a seguir a ter chegado ao gabinete da chefia ficou grávida.[...] foi uma sorte o patrão não a despedir [...]A generosidade do patrão era tão grande que se ofereceu para a apadrinhar a menina” (MOTA, 2020, p. 32). Vê-se a perpetuação de um discurso estereotipado imposto à mulher- sua incapacidade de controlar suas paixões, ou seja, sua propensão ao adultério, daí a necessidade de ser confinada em casa a cuidar da família sob a vigilância do marido.

Em outra passagem do romance, o narrador reafirma os abusos sofridos por Leto e insinua que o pai também tinha uma relação íntima com a prima, durante o período em que morava na casa dos pais, aproveitando-se da ausência da mãe:

Mesmo que lhe pedissem segredo, que o acusassem de menino mau. Mesmo que a outra cheirasse as vezes ao aftershave do pai [...]. Mesmo que dedos. [...]

Mesmo que o pai a repreendê-lo de olhos muito abertos[...]. Leto aprendeu a olhar através. Após a visita ao zoológico

- Gostastes?

- Os ciprestes estão a morrer.

- O nosso segredo

ele descobria-lhe a braguilha aberta.

Essas dores que também não param. Lá longe, quando era pequenino, antigamente, enfim, tudo maneiras de dizer ainda, ainda, ainda, porque ainda dói. [...] (MOTA, 2020, p. 119)

A ausência da figura materna, suscitou em Leto um sentimento de abandono “-nosso segredo sem se cansar, toda a noite, e sempre a mãe sem regressar da casa do doutor” (MOTA, 2020, p. 158). Leto cresceu vendo o pai tomar todas as decisões, inclusive, o casamento

com a prima, que ele chama “a outra”. Casou-se por vontade do pai para evitar “falatórios”. Era incapaz de tomar decisões, acostumou-se a não ter opinião própria, a tudo respondia “pode ser”. A esposa acusava-o de ser um pai ausente, porque trabalhava à noite e dormia de dia e não dava atenção para a filha. Sentia-se culpado, mas nada podia fazer porque precisava trabalhar. Divorciou-se por flagrante na cama com outro homem, um colega de trabalho, o engenheiro. Surpreendeu-se com a reação da esposa que decidiu ir em busca do amante “Leto ficou como estava, sozinho, mas divorciado, e, mais grave ainda, longe da filha.” (MOTA, 2020, p. 32) estava acostumado ao abandono da mãe, e agora, teria que conviver com a ausência da esposa e filha.

As dores que Leto carrega o transformaram neste homem que não consegue superar a dor da perda, antes, da infância corrompida pela ausência da mãe e abuso do pai e, agora, a morte da filha. Se antes do acidente já não vivia, em virtude da solidão causada com o divórcio e dissolução de sua família, após a tragédia, fica mais devastado ao perceber que nada restou do seu passado, somente a dor, que nunca cessa.

Leto é este ser fragmentado que, sob o seu ponto de vista e do narrador, é massacrado pelos desígnios impostos pelos outros: a mãe, o pai, a esposa; e pelo destino que lhe impingiu a culpa pela morte da filha. Importa destacar, que tudo é narrado a partir da perspectiva de Leto que, ao que parece, se coloca no papel de vítima, primeiramente, do pai abusador e da mãe condescendente, portanto, uma criança negligenciada, e depois, na idade adulta, de uma esposa leviana e adúltera, que o aliena da convivência com a própria filha.

A figura feminina exerce grande influência na configuração do personagem Leto, especialmente o discurso autoritário e patriarcal de que a circulação da mulher fora do ambiente familiar propicia o adultério: a mãe é infiel e há possibilidade de Leto ser fruto dessa

relação extraconjugal; a esposa relaciona-se com colegas de trabalho para ascender profissionalmente, e também, segundo o relato do narrador, é colocada sob suspeita a paternidade da filha de Leto. As mulheres da sua família sempre o abandonam por causa de outros, inclusive a própria filha que em seus últimos instantes de vida clama pela mãe, e não pelo pai, como ele escolheu acreditar.

Leto é um personagem configurado psicologicamente a partir da dor e da violência produzidas no espaço familiar onde, historicamente, cada membro tem o seu papel: o marido é o provedor; a mulher a cuidadora e educadora do lar. A família de Leto, à primeira vista, dá a impressão de uma transformação no papel da mulher pois a mãe trabalha fora, a esposa também e a dissolução do casamento por meio do divórcio, enfim, a emancipação da mulher é ventilada na superfície do romance. No entanto, o que se vê é um discurso patriarcal de incompatibilidade entre casamento e vida profissional que impõe à mulher a responsabilização pela harmonia nas relações familiares e o cuidado com filhos. A ausência da mãe facilita sobremaneira os atos abusivos do pai: em várias passagens do romance essa queixa é reforçada, aos olhos de Leto, tanto o pai como a mãe o negligenciaram com o abandono e a falta de afeto. E o que ele se torna quando adulto é fruto dessa indiferença. Um homem instável, sem opinião própria e que sucumbe à dor da perda, da culpa, embrenhando-se na loucura, cria o seu mundo, a sua Úria e as suas verdades, enfim, como constata o narrador “para cada um sua verdade”.

2.2 Da mãe ausente à criança solitária: a família de Cid

Cid, companheiro de quarto de Leto, é admirado por sua inteligência “dentro de sua cabeça, a explicação de todas as leis”, (MOTA, 2020, p. 63) todavia, oculta a face de um menino triste que cresceu sofrendo com a ausência dos pais, preocupados cada um com sua carreira e com si mesmo. Criado aos cuidados de uma cuidadora, sente a dor

do abandono, pois nunca participa das reuniões em família por ser criança. O pai é arquiteto e sempre ocupado com plantas e projetos; a mãe é restauradora e diretora de museu, sempre ocupada no trabalho e quando está em casa não tem uma relação afetuosa com o filho e corrobora a indiferença afetiva, traço marcante na família de Cid.

O som seco da caixa de charutos a fechar. Este som irritava-o, pois significava estar perto a hora de o mandarem para o quarto.

Já sabe.

Triste, subia as escadas. Estragava as horas estudando sozinho, enquanto no salão os pais e os tios

- interessante

- interessantíssimo (MOTA, 2020, p. 61)

Os pais de Cid cumprem a função de prover a assistência material e educacional, porém, não adentram no âmbito da afetividade. O filho não é considerado parte integrante da vida íntima da família, não senta à mesa, não participa das reuniões, exceto, quando os convidados são pessoas do espaço público, como os colegas de trabalho da mãe, em que é necessário representar o papel de filho perfeito e preservar a imagem de família feliz.

O único momento em que desfruta da companhia da mãe é quando vai com ela ao museu, onde se sente importante e tem a atenção dela para si. Embebido com o cheiro de tintas e diluentes usufruía cada instante da presença materna. Interessante notar que o espaço onde ocorre essa aproximação não é a casa, espaço privado, mas sim, o trabalho, espaço público, aberto aos olhares e julgamentos em que a mulher precisa preservar a imagem de boa mãe.

Quando a mãe o levava, nenhum telefone entre eles. Lá, o único lugar onde a mãe para os outros

- O meu menino.

(...) No museu algo diferente no

- Nada mal.

A mãe como que se mordendo a língua. (...) Os dois manobrando frascos e pincéis, enquanto, o pai sozinho (...).

Cid dedicou sua vida inteira ao estudo da ciência, mas, no silêncio da noite, preparou-se para fazer parte das escolhas da mãe, diretora do Museu do Belo. (MOTA, 2020, p. 141)

A família de Cid, por sua constituição, remete a uma família nuclear conjugal; quanto à organização do espaço percebemos uma delimitação bem nítida dos limites de circulação de cada membro. A Cid estava reservada a mesa de jantar com a empregada e o quarto. Apesar de morar em uma casa grande e espaçosa, havia limites de circulação, evidencia-se claramente o resultado do que Ariès (1986) chamou de compartimentação da casa. Essa organização do espaço familiar, aumentou em número os quartos e espaços privados, ampliando o isolamento dos membros da família. Assim, a família de Cid embora vivencie, no seu espaço externo, o cotidiano de uma família contemporânea, pai e mãe atarefados com os compromissos do mundo do trabalho, o seu interior, remete à organização da família tradicional, especialmente ao tratamento dado a criança que fica sempre aos cuidados de terceiros, da escola e de cuidadores. O olhar e a mágoa de Cid recaem sobre a mãe, de quem esperava atenção e carinho. Essa perspectiva de Cid deixa subentendida a expectativa do papel da mulher na família - mãe que prima pelo cuidado dos filhos. Tudo o que a mãe de Cid não é. Observa-se aí o discurso do patriarcado que perpetua o discurso simbólico da mulher, mãe e cuidadora do lar. O narrador sugere que a mãe de Cid tem problemas com alcoolismo “A mão na garrafa. Aos bocadinhos, conhaque e batom, às escondidas” (MOTA, 2020, p. 165) assim como ele também é dado a vícios “envenenou-se de conhaque um pouco mais e agarrou o lenço embebido de aguarrás, chamando pela mãe”

(MOTA, 2020, p. 145) e que talvez esse comportamento da mãe tenha influenciado Cid. Há também o discurso de que a mulher não é capaz de lidar com a pressão do mundo do trabalho, motivo pelo qual a mãe de Cid recorre ao álcool.

Na família contemporânea, também é possível identificar outros resquícios do patriarcado, conforme assinala Costa (2016), socióloga portuguesa:

Em toda a dimensão ritual que envolve as tarefas que identificamos como rotineiras, nomeadamente as que têm que ver com a preparação de refeições, o cuidado da casa ou da roupa, acentuam-se as desigualdades de género, mesmo quando já esbatidas no quotidiano. A divisão empreendida surge igualitária no domínio do discurso mas, nos bastidores, revelam-se, afinal, diferenças que empurram homens e mulheres para as tarefas que prolongam e cristalizam as diferenças que tradicionalmente ajudam à construção da divisão dos papéis domésticos: a mulher cozinheira, confeitadeira e decoradora; o homem que assume o papel instrumental na logística da ação e preparação dos espaços ou de tarefas consideradas complementares, como as compras, a condução ou o transporte da bagagem. (COSTA, 2016, p.123)

É dessa maneira que se configura um novo desdobramento da família patriarcal na atualidade em que, aparentemente, a mulher conquistou seu espaço no mundo do trabalho e sua emancipação do lar, mas que, na realidade, ainda recai sobre ela toda a responsabilidade pelos desacertos na formação dos filhos, seja psicológica, profissional e moralmente. No romance, sob o ponto de vista de Cid e do narrador, é possível conjecturar que a doença mental de Cid é fruto do abandono e da indiferença afetiva dos pais, especialmente, da mãe.

Cid sofre de depressão, o sentimento de abandono deixou marcas que o levaram à internação em uma clínica, onde divide o quarto com Leto e Raul, e busca concluir seu grande projeto: escrever um

romance que desvendará o segredo do belo. A esta altura “cansou-se de conseguir, de ganhar, da admiração dos outros, da inveja, da culpa que sente pela culpa que os outros sentem. Obcecado pelo erro, precisa desesperadamente de dopamina. Não de beijos a voar nem medalhas, nem diplomas. Imune à oxitocina” (MOTA, 2020, p.166). Dedicou-se à literatura, à escrita de um livro, quiçá, uma obra prima. Guardado em uma caixa, protegido do olhar julgador de todos, à espera de um grande e surpreendente final. Há muito tempo já se dedica a esse fim.

Com seu objetivo alcançado, Cid acredita que não será mais invisível aos olhos do pai e da mãe “Sairá no jornal, o que não passará despercebido pelo pai, seguramente. Acabará num museu, perto da mãe.” (MOTA, 2020, p.167). A caixa que prenunciava o momento de cativo, quando criança, doravante, representa sua libertação “Pode ser que, então, a mãe passe menos horas espedada, a olhar com a cabeça tombada (...) e volte depressa para casa. (...) Fique comigo, mãe. Eu trato de si.” (MOTA, 2020, p.142). O término e a abertura da caixa simbolizam a salvação de Cid; a esperança de despertar na mãe o amor que tanto buscou a vida inteira.

Cid é um ser humano fragmentado que cresceu ouvindo dos pais “não”. O próprio narrador alerta “Cid, como certamente irão poder observar, começa muitas frases com Não” (MOTA, 2020, p.63). Cid busca ser aceito e acolhido por aqueles que deviam protegê-lo da solidão e das trevas de um quarto escuro; é a sua meta de vida. Quando adulto, torna-se professor, mas não se conforma com a falta de empenho e dedicação dos alunos “oxalá não fossem tão estúpidos. Seria bom, aliás, que o mundo inteiro fosse menos imbecil” (MOTA, 2020, p.139). Persevera em seu interior o sentimento de inadequação, de não pertencimento, não se sente parte da família, não se sente valorizado no trabalho, não se identifica com os colegas de quarto. O “não” marca sua trajetória. O narrador chama atenção para o fato de

que “a negação inventámo-la por conveniência, porque as pessoas necessitam de um embuste, adoram ser enganadas” (MOTA, 2020, p. 160), o que pode sugerir que Cid temesse descobrir que o sentido da sua vida era norteador pelos “nãos”. Portanto, um personagem que se configura psicológica e moralmente a partir da negação.

2.3 Da mãe subjugada à criança maltratada: a família de Raul

Raul, companheiro de quarto de Leto e Cid, tem como principal característica ser vigilante, nada passa despercebido, “registra tudo a todo o momento” (MOTA, 2020, p.64) por isso não gosta do silêncio e do escuro. Essa excentricidade o leva ao limite da loucura, pois sente a necessidade de tudo saber, é movido pela curiosidade e isso o atormenta “Raul sabe tudo, mas as vezes preferia não saber. Os segredos têm uma razão de existir. Existem coisas que é preferível não conhecer” (MOTA, 2020, p. 81). Talvez essa mania seja uma forma de compensar a perda da visão de um dos olhos, durante um ataque de raiva do irmão; ou da culpa pelo incidente em que derrubou o irmão do colo quando criança; ou do temor de ser punido pelo pai violento. Esses acontecimentos o tornaram um indivíduo cheio de culpa e ansioso por descobrir a privacidade das pessoas para se antecipar aos fatos e não ser surpreendido, assim “Sentia-se a assistir aos bastidores do mundo, as traseiras da realidade, sempre plana e iluminada” (MOTA, 2020, p.137). Por isso, vivia sempre à espreita, movido pela expectativa da descoberta.

A família de Raul é composta pelo pai, a mãe e o irmão, modelo de uma família nuclear em que, segundo Ariès (1986, p.212-213), “o pai manteve a até mesmo aumentou a autoridade que, nos séculos XI e XII, lhe havia sido conferido[...]”. A relação entre os membros é marcada pelo distanciamento, bem diferente do que Ariès denominou de família sentimental moderna, baseada nas relações de afeto

entre pais e filhos. O pai de Raul é violento e agride fisicamente a mãe e os filhos, impondo a autoridade pelo medo, não tem diálogo com a família e mantém uma relação muito fria, carente de afeto “seria mais simples se o pai acenasse da porta do quarto, do corredor, da recepção, do estacionamento. Seria mais fácil se o pai dentro dele acenar. Em vez disso, em fuga, e no negro do espaço vazio gritando.” (MOTA, 2020, p.79). O narrador deixa subentendido que o pai de Raul tem dificuldade em demonstrar seus sentimentos, não se sabe se por medo de perder a autoridade no lar, ou para não aparentar fraqueza “pela fechadura viu o pai chorar e tudo o mais que não era suposto ver.” (MOTA, 2020, p. 64), preservando o velho discurso machista patriarcal de que “homem não chora”.

A mãe, em contrapartida, é representada como frágil, passiva e resignada com a situação de violência imposta a ela e aos filhos, Casimiro (2011) explica que essa inércia se deve ao fato de que

“O “cabeça de casal” – o homem – era quem detinha o poder, quem comandava os destinos da família e da prole. É neste contexto de imposição da ordem, da autoridade e do poder que a violência dos homens era aceite em alguns meios sociais como parte da estrutura normativa da família.” (CASIMIRO, 2011, p. 119)

Portanto, sob o ponto de vista de Raul e do narrador, a mãe é tida como cuidadora do lar e o pai o provedor da família, a situação de subalternidade da mãe inculca o sentimento de incapacidade, ódio e inutilidade que afeta cada um de forma diferente. O irmão de Raul é agressivo, envolve-se em confusão, não consegue estabelecer uma relação afetiva com alguém - nem com mulher, nem com homem - mantinha uma relação homoafetiva sem o conhecimento do pai, mas que termina em agressão física e não fica clara a autoria, se do pai ou do companheiro. Acaba se afastando do convívio familiar, sem que ninguém saiba o seu paradeiro. Raul torna-se uma pessoa ansiosa, teme o futuro, por isso sente a necessidade de saber tudo o

que acontece a sua volta. Sempre à espreita, é movido pela adrenalina da descoberta daquilo que se quer esconder.

Assim, o ambiente doméstico “Supostamente entendido como o local ideal de proteção e segurança física e emocional, o espaço privado da família, o recato doméstico resguardado dos olhares e da vigilância exterior, é, afinal, onde os agressores mais actuam.” (CASIMIRO, 2011, p. 131). É nesse ambiente adverso que Raul cresce. Fruto de uma família tradicional marcada pela autoridade do *pater familias*, clama pela atenção do pai, oprimido, anseia um simples gesto de afeto, porém, só recebe em troca insultos “tapadinho” e humilhações. A mãe é instável e fragilizada. O irmão é hostil, incapaz de ser empático e se relacionar verdadeiramente com alguém.

Raul garantiu-me que ainda hoje sente que o pai vai entrar em casa de repente. Parece que vezes ouve a mota ao longe, nunca com o som de quando chegava tarde. Raul aprendeu a conhecer o estado de espírito do pai pelo barulho da mota. Sem ecrãs, sabia se ia ser uma noite calma ou se ouviria a mãe apanhar.

(- Grande coisa.)

Conhecia o zumbido esforçado na curva e sabia que estalaria o cinto em alguém.

[...]

- Mãe, estás triste?

- Não está a ver que sim?

Dizia, chorando copiosamente enquanto comia enormes colheres de marmelada. (MOTA, 2020, p. 81)

Raul torna-se um adulto retraído que trabalha em um estacionamento, confinado em uma cabine observa, por meio das câmeras de vigilância, tudo o que acontece em volta. Lá se sente feliz e realizado, todavia, “fora da cabine o mundo de Raul é intratável e esquivo, maciço e incontestavelmente quieto.” (MOTA, 2020, p.78), a falta de diálogo e as constantes agressões físicas e psicológicas tornaram

Raul um indivíduo com muita dificuldade em se relacionar com as outras pessoas “os outros foram sempre algo estranho e perigoso.” (MOTA, 2020, p. 84). Raul é uma personagem configurada pelo medo das pessoas e dos segredos que guardam.

Considerações finais

A análise demonstrou como a casa pode ser, hoje, um espaço conflituoso com interações problemáticas. O romance desconstruiu o imaginário de família ideal, onde a casa é um lugar idílico de harmonia entre marido, esposa e filhos. O mergulho nos bastidores da vida privada dos personagens revelou um lugar onde ainda habita o velho discurso do patriarcado, fundado na polaridade da autoridade do marido e da submissão da mulher, porém sob nova roupagem: uma pseudoemancipação da mulher. Inclusive, a voz e o olhar que estruturam narrativa são masculinos, a mulher aparece meramente como instância discursiva, construída pela perspectiva masculina não detém a palavra, portanto, incapaz de posicionar-se. Os três núcleos familiares apresentam relações desmanteladas cuja responsabilidade, aos olhos do personagem e do narrador, recai sobre a mulher que não exerceu seu papel de mãe, protetora e cuidadora dos filhos, seja porque embrenhou-se no mundo do trabalho, seja porque resignou-se, acovardou-se diante da violência do marido.

A pseudoliberalidade aqui referida diz respeito ao vácuo existencial narrado pelas personagens Leto, Cid e Raul causado pela ausência ou negligência da mãe no cotidiano doméstico, marcado por conflitos e abusos. O núcleo familiar de Leto, sob seu ponto de vista, é marcado pelo pai abusador e autoritário, a mãe ausente e infiel e a esposa também adúltera; a família de Cid, de acordo com seu olhar, é negligente e egoísta, preocupados com o sucesso profissional; pai e mãe o condenam à solidão de um quarto escuro; a composição de Raul, de acordo com seu relato, é constituída por um pai truculento,

uma mãe apática, incapaz de reagir à violência do marido e por um irmão agressivo.

Dito isso, em resposta à questão norteadora do estudo, observou-se que os valores do patriarcado, pautados na subalternidade feminina ainda estão presentes na família contemporânea, porém, atualizados para o contexto de inserção da mulher no mercado de trabalho, no espaço público. A ideologia do patriarcado naturalizou o discurso de incompatibilidade entre família e trabalho, pois perpetuou-se a ideia de que a família e o amor materno são indispensáveis ao desenvolvimento físico e emocional dos filhos, e que trabalhando fora do ambiente doméstico tal função não seria cumprida.

Outro discurso identificado no romance, oriundo do patriarcado e que se mantém, é a infidelidade feminina fora do ambiente doméstico. A composição familiar de Leto é destacada pela infidelidade feminina, tanto a mãe como a esposa contraem relações extraconjugais no ambiente de trabalho. Diante desse comportamento volátil e insensato, torna-se perene o discurso de que o claustro da mulher no lar serviria para preservar o casamento e a segurança da família.

Essa contraposição entre o mundo do trabalho e a família perpetua o discurso de que é impossível ter sucesso na carreira profissional e na vida familiar. A mãe de Cid ascende profissionalmente, contudo, não dá atenção ao filho e para lidar com as pressões do trabalho incorre no vício em bebida alcoólica. Aqui há um novo desdobramento do discurso do patriarcado em que a mulher aparentemente conquista sua independência, entretanto, não consegue lidar com o ônus do seu triunfo: negligencia a família e trabalha em excesso.

Portanto, a análise do romance revelou que a trajetória das personagens está pautada no discurso do patriarcado que impinge à mulher, especificamente ao seu papel de mãe, a responsabilização pela (de)formação emocional dos personagens Leto, Cid e Raul. E dessa forma, o cerceamento da voz e do olhar feminino, principal marca

desse discurso, pode ser entendido como uma representação metonímica do seu (não) lugar na sociedade contemporânea.

RECEBIDO: 02/11/2020 **APROVADO:** 15/06/2021

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. (Org.). *A personagem de ficção*. 11 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 51-80.

CASIMIRO, Claudia. Tensões tiranias e violência familiar: da invisibilidade à denúncia. In: MATTOSO, José (coord.). *História da vida privada em Portugal – Os nossos dias*. Lisboa: Temas e Debates, 2011. p. 112-140

COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história*. Dourados, MS:UFGD, 2014.

COSTA, Rosalina Pisco. Família e Famílias no Portugal contemporâneo. Discursos, trama e textura em perspectiva sociológica, *Eborensia*, n. 50, p. 95-136, 2016.

LEANDRO, Maria Engrácia. Transformações da família na história do Ocidente, *Theológica*, 2ª série, n. 41, p. 51-74, 2006.

MOTA, Ricardo Fonseca. *As aves não têm céu*. Lisboa: Porto Editora, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

MINICURRÍCULO

Martha Stella Melo da Silva é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/FCL-Ar). Desenvolve pesquisa sobre o romance *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha. É mestre pela Universidade Federal do Amapá (2013). Atua como docente assistente no Curso de Letras da Universidade do Estado do Amapá.